



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA BENTO XVI AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO INTERNACIONAL DO XL ANIVERSÁRIO DA ENCÍCLICA "HUMANAE VITAE"

Sala Clementina

Sábado, 10 de Maio de 2008

Venerados Irmãos no Episcopado

e no Sacerdócio

Queridos irmãos e irmãs!

É com particular satisfação que vos recebo no final do trabalho, que vos empenhou a reflectir sobre um problema antigo e sempre novo como a responsabilidade e o respeito pelo surgir da vida humana. Saúdo de modo particular D. Rino Fisichella, que promoveu este Congresso internacional e agradeço-lhe as expressões de saudação que quis dirigir-me. A minha saudação abraça também os ilustres Relatores, Professores e todos os participantes, que com a sua contribuição enriqueceram estas jornadas de trabalho intenso. A vossa contribuição insere-se eficazmente no âmbito da mais vasta produção que, ao longo dos decénios, foi crescendo sobre este tema tão controverso e, contudo, tão decisivo para o futuro da humanidade.

Já o Concílio Vaticano II, na Constituição *Gaudium et spes*, se dirigia aos homens de ciência solicitando-os a unir os esforços para alcançar uma unidade do saber e uma certeza consolidada sobre as condições que podem favorecer uma "honesta regulação da procriação humana" (*GS*, 52). O meu Predecessor de venerada memória, o Servo de Deus Paulo VI, a 25 de Julho de 1968, publicou a Carta encíclica *Humanae vitae*. Aquele momento tornou-se depressa sinal de contradição. Elaborado à luz de uma difícil decisão, ele constitui um significativo gesto de coragem ao reafirmar a continuidade da doutrina e da tradição da Igreja. Aquele texto, muitas vezes mal compreendido e equivocado, muito fez discutir também porque se situava no alvorecer de uma profunda contestação que marcou a vida de gerações inteiras. Quarenta anos depois da sua publicação aquele ensinamento não só manifesta a sua verdade inalterada, mas revela também a clarividência com a qual o problema é tratado. De facto, o amor conjugal é descrito no âmbito de um processo global que não termina na divisão entre alma e corpo nem subjaz

unicamente ao sentimento, muitas vezes fugaz e precário, mas se ocupa da unidade da pessoa e da partilha total dos esposos que no acolhimento recíproco se oferecem a si mesmos numa promessa de amor fiel e exclusivo que brota de uma opção genuína de liberdade. Como poderia permanecer fechado ao dom da vida um amor como este? A vida é sempre um dom inestimável; todas as vezes que se assiste ao seu surgir percebemos o poder da acção criadora de Deus que nos confia o homem e deste modo o chama a construir o futuro com a força da esperança.

O Magistério da Igreja não pode exonerar-se de reflectir de modo sempre novo e aprofundado sobre os princípios fundamentais que dizem respeito ao matrimónio e à procriação. O que era verdade ontem, permanece verdadeiro também hoje. A verdade expressa na *Humanae vitae* não muda; aliás, precisamente à luz das novas descobertas científicas, o seu ensinamento torna-se mais actual e estimula a reflectir sobre o valor intrínseco que possui. A palavra-chave para entrar com coerência nos seus conteúdos permanece a do amor. Como escrevi na minha primeira Encíclica *Deus caritas est*: "O homem torna-se realmente ele mesmo, quando corpo e alma se encontram em íntima unidade... Mas, nem o espírito ama sozinho, nem o corpo: é o homem, a pessoa, que ama como criatura unitária, de que fazem parte o corpo e a alma" (n. 5). Tirada esta unidade perde-se o valor da pessoa e cai-se no perigo grave de considerar o corpo como um objecto que se pode comprar e vender (cf. *ibid.*). Numa cultura submetida ao ter em vez do ser, a vida humana arrisca perder o seu valor. Se a prática da sexualidade se transforma numa droga que pretende subjugar o *partner* aos próprios desejos e interesses, sem respeitar os tempos da pessoa amada, então o que se deve defender já não é só o verdadeiro conceito do amor, mas em primeiro lugar a dignidade da própria pessoa. Como crentes nunca poderíamos permitir que o domínio da técnica possa invalidar a qualidade do amor e a sacralidade da vida.

Não por acaso Jesus, falando do amor humano, evoca quanto Deus realizou no início da criação (cf. *Mt* 19, 4-6). O seu ensinamento remete para um acto gratuito com o qual o Criador pretendeu não só expressar a riqueza do seu amor, que se abre doando-se a todos, mas quis também imprimir um paradigma sobre o qual o agir da humanidade se deve declinar. Na fecundidade do amor conjugal o homem e a mulher participam no acto criativo do Pai e tornam evidente que na origem da sua vida esponsal existe um "sim" genuíno que é pronunciado e realmente vivido na reciprocidade, permanecendo sempre aberto à vida. Esta palavra do Senhor permanece invariável com a sua verdade profunda e não pode ser cancelada pelas diversas teorias que no decorrer dos anos se sucederam e por vezes até se contradisseram entre si. A lei natural, que está na base do reconhecimento da verdadeira igualdade entre as pessoas e os povos, merece ser reconhecida como a fonte na qual inspirar também a relação entre os esposos na sua responsabilidade ao gerar novos filhos. A transmissão da vida está inscrita na natureza e as suas leis permanecem como norma não escrita à qual todos se devem referir. Qualquer tentativa de distrair o olhar deste princípio permanece ele mesmo estéril e não produz futuro.

É urgente que descubramos de novo uma aliança que sempre foi fecunda, quando foi respeitada; ele vê em primeiro plano a razão e o amor. Um mestre agudo como Guilherme de Saint Thierry

podia escrever palavras que sentimos profundamente válidas também no nosso tempo: "Se a razão instrui o amor e o amor ilumina a razão, se a razão se converte em amor e o amor consente permanecer entre os confins da razão, então eles podem fazer algo grandioso" (*Natureza e grandeza do amor*, 21, 8). O que é este "algo grandioso" ao qual podemos assistir? É o surgir das responsabilidades pela vida, que torna fecundo o dom que cada um faz de si ao outro. É fruto de um amor que sabe pensar e escolher em plena liberdade, sem se deixar condicionar além da medida do eventual sacrifício exigido. Daqui surge o milagre da vida que os pais experimentam em si mesmos, verificando como algo de extraordinário o que se realiza neles e através deles. Nenhuma técnica mecânica pode substituir o acto de amor que dois esposos se dão reciprocamente como sinal de um mistério maior que os vê protagonistas e co-participantes da criação.

Assiste-se com sempre maior frequência, infelizmente, a tristes acontecimentos que envolvem adolescentes, cujas reacções manifestam um conhecimento não correcto do mistério e das arriscadas implicações dos seus gestos. A urgência formativa, à qual com frequência me refiro, vê no tema da vida um seu conteúdo privilegiado. Desejo verdadeiramente que sobretudo aos jovens seja dedicada uma atenção totalmente peculiar, para que possam aprender o verdadeiro sentido do amor e se preparem para isto com uma adequada educação para a sexualidade, sem se deixarem distrair por mensagens efémeras que impeçam alcançar a essência da verdade em questão. Fornecer falsas ilusões no âmbito do amor ou enganar sobre as responsabilidades genuínas que se está chamado a assumir com a prática da própria sexualidade não honra uma sociedade que se baseia nos princípios de liberdade e de democracia. A liberdade deve conjugar-se com a verdade e a responsabilidade com a força da dedicação do outro até com o sacrifício; sem estes componentes a comunidade dos homens não cresce e o risco de se fecharem num círculo de egoísmo asfixiante está sempre à espreita.

O ensinamento expresso na Encíclica *Humanae vitae* não é fácil. Contudo, ele está em conformidade com a estrutura fundamental mediante a qual a vida sempre foi transmitida desde a criação do mundo, no respeito da natureza e em conformidade com as suas exigências. A consideração pela vida humana e a salvaguarda da dignidade da pessoa impõem-nos que tentemos tudo para que a todos possa ser comunicada a verdade genuína do amor conjugal responsável na plena adesão à lei no coração de cada pessoa. Com estes sentimentos concedo a todos vós a Bênção Apostólica.

© Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana